Revista Diálogos Mediterrânicos
www.dialogosmediterranicos.com.br
Número 19 – Dezembro/2020

# Entre o medo e a conversão: reflexões sobre a peste de Cipriano a partir dos escritos de Cipriano de Cartago e Dionísio de Alexandria (249-265 d.C.).

# Between fear and conversion: considerations regarding the plague of Cyprian from the writings of Cyprian of Carthage and Dionysius of Alexandria (249-265 a.D.).

**Ludimila Caliman Campos**[1]
**Carolline da Silva Soares**[2]

***Resumo***

O presente artigo visa analisar a chamada "Peste de Cipriano", que se manifestou no Império Romano entre os anos 249 e 265 d.C. Para tanto, selecionamos duas fontes, a saber: a obra *De Mortalitate*, escrita pelo bispo Cipriano de Cartago, e uma carta intitulada *As Alexandrinos*, escrita pelo bispo Dionísio de Alexandria. Assim como a Covid-19 tem se apresentado, a Peste de Cipriano foi um catalizador para diversas transformações culturais, políticas, sociais e, sobretudo, religiosas no Império Romano. Sobre esse assunto, apesar de as perdas humanas terem gerado um grande impacto sobre as comunidades cristãs, a resposta da *ekklesia* diante da epidemia se revelou determinante para a ascensão do cristianismo enquanto religião do Império.

**Palavras-chave:** Império Romano. Cristianismo. Peste de Cipriano. Cipriano de Cartago. Dionísio de Alexandria.

***Abstract***

This article aims to analyze the so-called "Plague of Cyprian" that manifested in the Roman Empire between the years 249 and 265 AD. For this purpose, we selected two sources, namely: *De Mortalitate*, written by bishop Cyprian of Carthague and a letter entitled *The Alexandrians*, written by bishop Dionysius of Alexandria. Just as Covid-19 has appeared, the Plague of Cyprian was a catalyst for several cultural, political, social and, above all, religious transformations in the Roman Empire. On this subject, although human losses have had a major impact on Christian communities, *ekklesia*'s response to the epidemic proved to be decisive for the rise of Christianity as a religion of the Empire.

**Keywords:** Roman Empire. Christianity. Plague of Cyprian. Cyprian of Carthague. Dionysius of Alexandria.

**Enviado: 24/10/2020**
**Aprovado: 14/12/2020**

[1] Ludimila Caliman Campos é graduada em História (UFES) e Artes (UNIMES), bem como mestre e doutora em História Social das Relações Políticas (UFES). Atualmente, é professora titular e pesquisadora concursada da Faculdade de Ensino Superior de Linhares (Faceli) e colaboradora nacional do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (LEIR/USP). Linhares, ES, Brasil. E-mail: lud.campos@yahoo.com.br

[2] Carolline da Silva Soares é graduada em História (UFES), sendo mestre e doutora em História Social das Relações Políticas (UFES). Atualmente, cumpre estágio de docência/pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas (UFES), com bolsa da CAPES/PNPD, sob supervisão do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva e atua em pesquisas vinculadas à História do cristianismo no Império Romano, especificamente no norte da África, e gênero no cristianismo primitivo. Vitória, ES, Brasil. E-mail: carollines@gmail.com.br

**Introdução.**

As pestes são uma constante nas sociedades humanas. Há registros sobre elas desde o nascimento das primeiras cidades. Tucídides já relatava que Atenas, em 430 a.C., passou por uma epidemia que teria surgido na região da Etiópia.[3] Tucídides, que teria pego a doença, mas sobrevivido, relata que a doença matou dezenas de milhares de pessoas, incluindo Péricles, e que teria levado Atenas a ser derrotada na Guerra do Peloponeso. Do mundo greco-romano até hoje, muitos foram os surtos de pestes que alteraram significativamente as paisagens urbanas e sociais, bem como os rumos da própria História.

Em 2019, o mundo se viu diante de uma nova pandemia, causada pelo vírus da Covid-19. A doença teve início na segunda metade de 2019 com um surto na cidade de Wuhan, na China. Ainda não se sabe como a doença se originou, entretanto, é possível que ela tenha surgido a partir do consumo de animais, como morcegos, que são comercializados ilegalmente em mercados locais da província chinesa.[4] No ano de 2020, o vírus da Covid-19 se espalhou rapidamente por todos os continentes, causando milhares de mortes. Apesar dos avanços tecnológicos e médicos ao longo dos séculos – com destaque para a criação de vacinas, exames laboratoriais, difusão de hábitos de higiene e a criação de hospitais bem equipados – a pandemia se mostrou tão mortal quanto qualquer outra peste da história humana, talvez porque agora há muito menos barreiras para o trânsito humano.

Além do conhecimento médico, um dos pontos que se mostrou fundamental durante a pandemia da Covid-19 foi a necessidade do conhecimento histórico. As pesquisas históricas já têm sido usadas para reconstruir características epidemiológicas, tais como gravidade, disseminação, sazonalidade, agrupamento de famílias e bairros, longevidade, seletividade, entre outras, as quais servem de ferramentas para diagnósticos melhores. Entretanto, os estudos históricos sobre as pestes também têm sido fundamentais para a compreensão da própria dinâmica social. Isso é importante se considerarmos que a peste, enquanto fato social total – seguindo o pensamento de Marcel Mauss –, é responsável por alterar, em grande medida, as dinâmicas políticas, sociais e culturais no tempo e no espaço. O *fato social total*, conceito criado por Marcel Mauss a partir de uma perspectiva durkheimiana, seria um fenômeno que penetra cada aspecto do sistema social concreto formado a partir de múltiplas determinações. Logo, o fato social total afeta, diretamente, todas as instituições de

[3] TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. 3ª ed. Tradução Mario da Gama Kury. Brasília: Editora da UnB, 1987, Livro II, 48-54 e 87.
[4] GRUBER. Arthur. Covid-19: o que se sabe sobre a origem da doença. Jornal da USP. Disponível em: https://jornal.usp.br/artigos/covid2-o-que-se-sabe-sobre-a-origem-da-doenca/ Acesso em: 14 de jun. 2020.

uma dada sociedade, sejam elas morais, religiosas, jurídicas, econômicas, culturais, etc. Se enquadram nesse conceito fatos sociais como guerras, pestes, crises econômicas, etc. Logo, o enfoque nesse artigo será nas rupturas religiosas ocasionadas a partir de um evento epidemiológico que ficou conhecido como a Peste de Cipriano. [5]

**Sobre a Peste de Cipriano.**

Ocorrida em meados do século III, entre os anos de 249 e 265 d. C. (todas as datas deste artigo são d. C., salvo quando expresso em contrário.), a chamada Peste de Cipriano teve como causador um agente ainda incerto para os epidemiologistas. Essa peste foi apelidada de *Praga de Cipriano*, pois o bispo de Cartago fez observações em primeira mão sobre a doença. Os escritos de Cipriano formam uma base importante do que o mundo sabe hoje sobre a epidemia, sobretudo o seu tratado intitulado *De Mortalitate*.

É importante salientar que a identificação de doenças no mundo antigo é sempre uma tarefa difícil, isso porque a medicina da época carece do conhecimento e sofisticação hoje comuns na ciência moderna. Os pesquisadores atestam que a doença era altamente contagiosa, transmitida por contato direto e indireto (inclusive por meio de roupas). Ao longo dos séculos, os estudiosos sugeriram uma série de possibilidades para a doença, a saber: peste bubônica, tifo, cólera, varíola, sarampo e antraz. Todavia, a ausência de certos sintomas acabou por eliminar muitas dessas possibilidades, como é o caso da peste bubônica. A variedade de sintomas conhecidos sugeria, ainda, uma combinação de doenças, incluindo meningite e disenteria bacilar aguda. Quando arqueólogos italianos desenterraram restos de esqueletos do complexo funerário de Harwa, em Luxor, em 2014, descobriram que no auge da epidemia, numa tentativa para impedir a propagação da doença, as pessoas cobriam os cadáveres com cal e os queimavam completamente. Considerando o péssimo estado dos restos mortais, as tentativas de extrair DNA provaram ser inúteis. Sem a evidência do DNA é possível que nunca tenhamos qualquer prova conclusiva sobre a causa da peste.

Considerada uma das mais nefastas epidemias da Antiguidade, a praga se iniciou durante a Páscoa de 249 na Etiópia e se espalhou por todo o Império Romano e para além dele, chegando até a atingir a Escócia.[6] A epidemia teve um impacto igual ou maior do que a peste Antonina sendo que, possivelmente, 15 a 25% da população faleceu em decorrência da doença.[7] A peste Antonina ocorreu

[5] MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003.
[6] HARPER, Kyle. People, Plagues, and Prices in the Roman World: The Evidence from Egypt. *The Journal of Economic History*. v. 76, n. 3, 2016, p. 241.
[7] HARPER, 2016, p. 224.

no ano de 165 durante o reinado do imperador Marco Aurélio. A propagação da epidemia foi favorecida pela ocorrência de dois episódios militares nos quais o próprio Marco Aurélio participou, a saber: a Guerra Parta na Mesopotâmia e as batalhas contra os marcomanos a nordeste da Península Itálica e na região na Panônia. Os relatos sobre a epidemia são escassos e desarticulados, sendo os escritos de Galeno a principal fonte. Galeno, enquanto médico, fornece uma breve apresentação sobre a doença, alguns casos clínicos e possíveis abordagens terapêuticas para a possível cura. Considerando o tratado de Galeno e as fontes arqueológicas, a maior parte dos pesquisadores atesta que se tratava do vírus da varíola, todavia, ainda falta uma confirmação paleopatológica.[8] Em relação ao número de mortos pela epidemia, há uma grande controvérsia, mas estimativas contam que tenha morrido de 2% a 50% da população.[9] Alguns pesquisadores apontam que cerca de cinco mil pessoas morriam no Império Romano diariamente no auge da epidemia.[10]

Sem dúvida, como o próprio nome da peste atesta, um dos autores que mais tratou sobre o assunto foi Cipriano de Cartago. Infelizmente, dispomos de poucos fatos acerca da vida de Cipriano antes da sua conversão ao cristianismo. Sabemos, todavia, que é de origem africana, oriundo de uma família pagã cartaginesa e nascido, provavelmente, entre os anos de 200 e 210. Os fatos relativos à vida pagã de Cipriano estão presentes nas seguintes obras: na *Vita Cypriani*, que é considerada a única biografia contemporânea de Cipriano, escrita por Pôncio, diácono de Cartago e contemporâneo de Cipriano; na *Passio Cypriani*, que são as atas que descrevem o julgamento de Cipriano perante o tribunal proconsular, em Cartago, nos tempos do imperador Valeriano, que culminou com o martírio do bispo, em 258; e, ainda, por meio das suas obras, sobretudo as suas cartas.[11]

Em relação às fontes de informação sobre Cipriano depois de sua conversão, elas são mais abundantes. Em se tratando da vida de Cipriano após a conversão ao cristianismo, nos encontramos em terreno mais sólido. As principais fontes de informações são, ainda, a biografia escrita por Pôncio, a *Vita Cypriani;* as *Acta proconsularia Cypriani; o De viris illustribus,* de Jerônimo, que também é uma obra relevante, pois contém um capítulo, o LXVII, dedicado integralmente a Cipriano. Outros dados sobre a trajetória de Cipriano foram transmitidos por autores posteriores, como Eusébio de

[8] SABBATANI, Sergio; FIORINO, Sirio. La peste antonina e il declino dell'Impero Romano. Ruolo della guerra partica e della guerra marcomannica tra il 164 e il 182 d.c. nella diffusione del contagio. *Infez Med 17(4)*, p. 261-75, 2009, p. 261.
[9] HARPER, 2016, p. 806.
[10] SMITH, Iris M. The Contributions of St. Cyprian: Perspectives on Epidemiology and Early Christianity. *Young Historians Conference*, v. 4, 2014, p. 4.
[11] SOARES, Carolline da Silva. *Separando a palha do bom grão*: autoridade episcopal e disciplina eclesiástica em Cartago segundo o testemunho de Cipriano (século III d.C.). Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016, pp. 40-41.

Cesareia, na *Historia Ekklesiastica;* Lactâncio, nas *Diuinae institutiones*; e, Agostinho, no tratado *De doctrina christiana* e no sermão *In Natali Cypriani.*[12] O batismo de Cipriano na fé cristã se deu em 246, no qual ele passou se chamar *Thascius Caecilius Cyprianus*, em homenagem ao presbítero *Caecilius,* que era seu grande amigo.[13] Em 249, Cipriano foi eleito para a cátedra episcopal de Cartago, apesar de ser ainda um neófito.[14] Seu episcopado teve a duração de nove anos, de 249 a 258. Nesse período, teve que lidar com várias questões eclesiais, tanto internas quanto externas, como as perseguições contra os cristãos desencadeadas por Décio e Valeriano, o problema do rebatismo dos apóstatas e os cismas dentro da comunidade cartaginesa.[15]

Se considerarmos o breve período em que Cipriano ocupou o episcopado de Cartago, podemos dizer que a sua produção literária é bem vasta. O *corpus Cypriani*, tal como o conhecemos hoje, abarca 81 cartas e 13 tratados de extensão, proveniência e conteúdo muito diversos. Considerados em conjunto e tendo em conta o conteúdo e a forma, Cipriano possui 13 tratados autênticos, que podem ser repartidos em pelo menos três grupos. O primeiro deles se refere aos tratados de teor apologético, como é o caso do *Ad Donatum, Quod idola dii non sint, Ad Demetrianum, Ad Fortunatum, Ad Quirinum*. O segundo grupo, aos escritos de teor disciplinar, tais como o *De lapsis, De catholicae Ecclesiae unitate, De mortalitate*. O terceiro, por sua vez, abrange os sermões e exortações pastorais, como o *De habitu uirginum; De dominica oratione; De opere et eleemosynis; De bono patientiae* e *De zelo et lioure.*[16] Algumas cartas se perderam, e, provavelmente, alguns de seus sermões também. Cipriano foi um líder eclesiástico eminentemente de ação, como demonstra seu intenso fluxo de correspondências.[17]

Na obra analisada neste artigo, o tratado *De Mortalitate*, o bispo não se dedicou a fazer um relato histórico sobre a epidemia. Cipriano fez registros de seus pensamentos e ensinamentos de modo a motivar e servir de consolo para a sua audiência, formada, essencialmente, por cristãos. Cipriano escreveu o *De Mortalitate* em 252, no período da irrupção da peste. Nesse momento, a perseguição

[12]SALCEDO GÓMEZ, Ricard. *El corpus epistolar de Cipriano de Cartago (249-258)*: estructura, composición e cronología. Tese de doutorado. Programa doctorado: "Mediterrània: Prehistória i Món Antic. Departament de Prehistória, História Antiga i Arqueologia, Facultat de Geografia i Història, Universitat de Barcelona, 2002, p. 23.
[13] ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James. *The ante-nicene christian library*. Edinburgh: T&T Clark, 2009, p. 264.
[14] SOARES, 2016, p. 44.
[15] SOARES, 2016, p. 45.
[16] SOARES, 2016, p. 85.
[17] SOARES, Carolline da Silva. O gênero epistolar na Antiguidade: a importância das *Cartas* de Cipriano para a História do cristianismo norte africano (século III d.C.). *História e Cultura*, v. 2, n. 3, p. 199-215, 2013.

de Décio já havia acabado, ainda que tivesse feito muitas vítimas e produzido muitas deserções e apostasias entre os cristãos.[18]

De acordo com Júlio Campos, a finalidade de Cipriano era esclarecer para os fiéis o sentido da morte no cristianismo.[19] A princípio, a morte não seria diferente para cristãos e pagãos, a diferença estava no modo como o cristão enxergava a morte, ou seja, com uma visão de uma vida melhor no *post mortem* e na convivência com Cristo. Por outro lado, enquanto o pagão se desesperava com a morte, "o cristão a considerava a libertação do cárcere, que era o corpo, das misérias e dos perigos do *saeculum"*. [20] Em suma, para os cristãos – ao contrário de judeus e pagãos que viam a peste como um flagelo divino – tal fato seria uma oportunidade para se alcançar a eternidade. A peste seria, assim, uma dádiva divina, pois faria com que o cristão logo se colocasse na presença de Deus.

Um dos principais focos do tratado de Cipriano é ilustrar as batalhas humanas e espirituais travadas pelos cristãos no contexto da peste. Fazendo um relato detalhado do contexto, Cipriano afirma que:

> É proveitoso para o progresso da nossa fé que neste momento as vísceras dissolvidas em fluxo esgotem a força do corpo, que a febre interior queime a face ulcerada, que o estômago seja dilacerado por vômitos repetidos, que os olhos ardam pela afluência de sangue, que os pés e outros membros sejam amputados pelo contágio da podridão, que a doença se espalhe pelas juntas, tornando-as defeituosas e paralisadas, ou pelo corpo todo tornando obstruído o ouvido e cegos os olhos. [21]

É importante frisar que a peste se desenvolvia com muita rapidez assim que a pessoa apresentava os primeiros sintomas. A obra *De Mortalitate* traz detalhes sobre o quadro clínico da doença. Entre os sintomas, destacam-se: diarreia grave e debilitante, considerando que os excrementos carregavam sangue e secreções; febre aguda, possivelmente porque a doença atacava a faringe e esôfago, gerando rompimentos e sangramentos; vômitos frequentes; sangramento conjuntival; putrescência, paralisia dos membros inferiores e gangrenas; fraqueza corporal, o que dificultava a mobilidade; perda de audição e cegueira. [22]

[18] SOARES, C. S. *Decio restitutor sacrorum:* el testimonio de Cipriano de Cartago sobre las medidas persecutórias de Decio. In: LAHAN COHEN, R. (Ed.). *Perspectivas Interdisciplinarias sobre el Mundo Grecolatino*. Buenos Aires: Rhesis, 2017, p. 311-318.
[19] CAMPOS, Julio. Introdução. In: CIPRIANO DE CARTAGO. *Cartas e tratados*. Madrid: BAC, 1964, p. 253.
[20] SOARES, 2016, p. 100.
[21] CIPRIANO DE CARTAGO, *De Mortalitate*, 14, grifo nosso.
[22] RETIEF, François Pieter; CILLIERS, Louise. Epidemics of the Roman Empire. *Original Article 90* (2000): 269, 2014, p. 11.

O discurso de Cipriano estava pautado em dois pilares: na busca pela força pessoal mediante o apoio da *ekklesia* e na defesa da crença na salvação por meio do serviço a Deus. Deste modo, o bispo afirma:

> Diante de tantos ímpetos de devastação e morte, quão grande é para o pecador lutar com as energias de um ânimo inquebrantável, quão sublime é permanecer de pé entre as ruínas do gênero humano e não jazer prostrado como aqueles que não têm esperança em Deus.[23]

Cipriano confirma que muitos cristãos foram vitimados pela peste. Todavia, a morte, segundo ele, não deveria ser motivo de preocupação, pois "muitos dos nossos irmãos são libertados do século. Pois se essa epidemia é, de fato, uma peste para judeus, gentios e demais inimigos do Cristo, é, contudo, para os servos de Deus a viagem da salvação".[24]

Segundo Robin Lane Fox, no início do século III, a *ekklesia* compunha 4% a 5% da população do Império, chegando a 15 a 20% em lugares como o Egito.[25] Apesar de ser um culto minoritário, este não poderia mais ser considerado marginal. Fica evidente, de tal modo, que a peste gerou uma grande onda de conversão ao cristianismo, conforme atesta Cipriano:

> Ainda mais, pelo medo (*pavore*) da mortalidade, animam-se os tímidos, levantam-se os abatidos, exercitam-se os covardes, os desertores são compelidos a voltar, os gentios coagidos a crer e a velha fileira dos veteranos é chamada ao descanso, pois um novo e numeroso exército de ânimo mais forte, recrutado no tempo da mortalidade, vai ocupar a linha de frente, pronto a lutar sem temor da morte (*metu mortis*), quando vier o combate. Afinal, irmãos caríssimos, o que pode haver de mais proveitoso e necessário? Com efeito, esta epidemia que parece tão horrível e funesta põe à prova a justiça de cada um e experimenta o espírito dos homens, verificando se os sãos servem aos enfermos, se os parentes se amam sinceramente, se os senhores têm piedade dos servos enfermos, se os médicos não abandonam os doentes que imploram, se o violento reprime a violência, se o avarento, ao menos por meio da morte, abandona o ardor sempre insaciável da sua desvairada cobiça, se os soberbos quebram o orgulho, se os desonestos refreiam a audácia, se, ao menos por terem morrido os que os ricos amavam, vendo-se à beira da morte e sem herdeiros, distribuem alguma coisa aos pobres. [26]

Cipriano adota o que podemos chamar de "pedagogia do medo". Diferente das famosas ferramentas discursivas usadas na pedagogia do medo empregada pelos clérigos medievais, o ensino oferecido por Cipriano estava pautado no desprezo com que este encarava a morte. Ao proferir frases como "É proveitoso para o progresso da nossa fé que neste momento as vísceras dissolvidas em fluxo

[23] CIPRIANO DE CARTAGO, *De Mortalitate*, 14.
[24] CIPRIANO DE CARTAGO, *De Mortalitate*, 15.
[25] FOX, Robin Lane. *Pagans and Christians.* New York: Harper Collins, 1988, p. 533-534). Apesar de ser um culto minoritário, o cristianismo não poderia mais ser considerado marginal.
[26] CIPRIANO DE CARTAGO, *De Mortalitate*, 15-16, grifo nosso.

esgotem a força do corpo [...]"[27], ou, "Ainda mais, pelo medo (*pavore*) da mortalidade, animam-se os tímidos, levantam-se os abatidos, exercitam-se os covardes, os desertores são compelidos a voltar [...]" [28]. O bispo coloca o cristianismo como uma religião triunfalista, determinando ser este o único caminho capaz de vencer o medo da peste, logo, um vetor natural de conversão.

Estudando o contexto da Idade Média, Carlos Alberto Nogueira afirma que a função do medo no imaginário cristão medieval era valorizar a salvação a partir da demonização de outras crenças. Assim, tal pedagogia se colocava como uma ferramenta de conversão para os adoradores de outros deuses na medida em que permitia que a fé cristã se apresentasse como a única capaz de garantir uma vida após a morte. [29]

Contextos de pestes são momentos privilegiados para ações de proselitismo em massa, uma vez que as pessoas, ao se sentirem mais inseguras, tendem a ceder às soluções mais rápidas para os problemas.[30] Cipriano, por sua vez, atesta, conforme texto grifado, que muitos estavam se voltando para o cristianismo, possivelmente porque reconheciam na religião uma espécie de consolo. Todavia, o consolo ia além das palavras.

Outro autor que destacamos neste artigo, que também vivenciou o contexto desta peste, foi Dionísio de Alexandria, também chamado de Dionísio, o Grande. Ele nasceu no ano 200 em Alexandria e morreu em 265, na mesma cidade natal e estudou em Alexandria, na escola catequética liderada por Orígenes, que o elegeu como seu sucessor. Entre os anos de 247 e 248, Dionísio assumiu o episcopado de Alexandria. Durante a perseguição aos cristãos empreendida pelos imperadores Décio (250-251) e Valeriano (257-260), Dionísio fugiu para o deserto da Líbia. Em seu retorno para Alexandria, por volta do ano 260, Dionísio readmitiu os apóstatas da perseguição. Também se destacou por seus ataques aos heréticos, com destaque aos sabelianos, acusados por triteísmo (fazer separação entre as pessoas da trindade). Entre os escritos de Dionísio, podemos destacar: cartas enviadas a bispos, presbíteros e igrejas, escritos que refutam algumas heresias e tratados exegéticos abordando alguns excertos da Bíblia.

Segundo Dionísio de Alexandria, em uma de suas cartas, havia um serviço cristão sendo prestado durante a epidemia. Segundo ele:

> [...] depois que nós [cristãos] e eles [pagãos] juntos desfrutamos de um período muito breve de descanso, essa pestilência nos atacou em seguida – uma calamidade verdadeiramente mais terrível para eles do que todos os outros objetos de pavor e

[27] CIPRIANO DE CARTAGO, *De Mortalitate*, 14.
[28] CIPRIANO DE CARTAGO, *De Mortalitate*, 15.
[29] NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O diabo no imaginário cristão*. São Paulo: Ática, 1986.
[30] HORTON, Robin. African Convertion. *Africa 41*. Cambridge University Press, p. 85-109, 1971, p. 97.

> mais intolerável do que qualquer outro tipo de problema; e um infortúnio que, como declara um certo escritor, prevalece sobre toda a esperança. Para nós [cristãos], no entanto, não era assim; mas não menos importante que outros males, provou ser um instrumento para nosso treinamento e provação. Pois de maneira alguma ela se manteve distante de nós, embora se espalhe com maior violência entre os pagãos.
> Certamente muitos de nossos irmãos não se pouparam em seu amor e bondade fraternos, e, mantidos um pelo outro, visitaram os doentes sem pensar, por sua própria conta e risco, ministrando-lhes assiduamente, e tratando-os para sua cura em Cristo. Morriam eles de vez em quando com mais alegria, acompanhando-os de dores derivadas de outros, e recorrendo às doenças de seus vizinhos, e, de boa vontade, assumindo na sua própria pessoa o fardo dos sofrimentos daqueles ao seu redor. E muitos que assim curaram outros de suas doenças e os restauraram à força, morreram eles mesmos, tendo transferido para seus próprios corpos a morte que estava sobre eles. E esse ditado comum, que mais parecia sempre ser apenas uma forma educada de falar, eles se expressaram de fato na época, quando partiram desta vida, como os flagelos de todos. Sim, os melhores de nossos irmãos partiram desta vida desta maneira, incluindo alguns presbíteros e alguns diáconos, e entre as pessoas que tinham maior reputação: de modo que esta mesma forma de morte, em virtude da piedade ilustre e da fé firme que foram exibidas nele, parecia não aparecer em nada abaixo do próprio martírio.
> E eles tomaram os corpos dos santos nas mãos viradas para cima e no peito, e fecharam os olhos e fecharam a boca. E, levando-os em companhia e distribuindo-os decentemente, agarraram-se a eles, abraçaram-nos e prepararam-nos devidamente com roupas e roupas. E pouco tempo depois, eles fizeram os mesmos serviços para si mesmos, como aqueles que sobreviveram estavam sempre seguindo aqueles que partiram antes deles. Mas entre os pagãos tudo foi o contrário. Afastaram qualquer um que começou a ficar doente e mantiveram-se afastados até de seus amigos mais queridos, e expulsaram os doentes pelas estradas públicas meio mortos, deixando-os sem enterro e tratando-os com total desprezo quando morreram, evitando constantemente tipo de comunicação e relação com a morte; o que, no entanto, não foi fácil para eles escapar, apesar das muitas precauções que empregaram.[31]

Dionísio escreveu uma carta de encorajamento destinada aos cristãos da *ekklesia* de Alexandria. Para isso, ele cita a praga como forma de mostrar que os cristãos já tinham superado algumas crises antes e que a resposta que davam às provações era diferente daquela oferecida pelos pagãos. A carta sugere que o pavor multifacetado em decorrência da peste impulsionou tanto atitudes solidárias (advindas dos cristãos) quanto provocou discriminação e indiferença (advindas dos pagãos).

De fato, os cristãos norte-africanos desenvolveram uma rede de assistência e atendimento aos enfermos durante a epidemia. Esta postura dialoga diretamente com a prática do ascetismo, amplamente difundida entre os cristãos desde o século II.[32] O ascetismo, visto como um segundo

[31] DIONÍSIO DE ALEXANDRIA, *Aos Alexandrinos*,12, 3-5, grifos nossos.
[32] RUBENSON, Samuel. Asceticism and monasticism, I: Eastern. *Cambridge History of Christianity*, v. 2. New York: Cambridge University Press, 2008, p. 660.

martírio, tinha como foco a mortificação do corpo a partir da disciplina e da vida austera. [33] Os ascetas viam o luto como algo improdutivo e irracional, como retratou o próprio Cipriano.[34] A incorporação do ascetismo legitimou a prática cristã de ajuda mútua em meio ao surto epidêmico, ajudando a mitigar o medo quanto a iminência da morte e consolando aqueles que tinham perdido seus parentes e amigos.

O discurso de Cipriano deixa claro que se acreditava que a fé cristã poderia ajudar as pessoas a lidar melhor com o sofrimento e a morte. Ele argumenta que a morte era um momento de redenção para os cristãos. Assim, as pessoas deveriam abraçar a morte, pois ela era a única forma de acesso rápido a Deus. Tal retórica consolatória, pautada numa pedagogia do medo, acabou impulsionando um aumento de conversões ao cristianismo, uma vez que era visto como um culto atraente e conveniente no contexto de epidemia.

**Considerações Finais.**

Tendo em vista que "a insegurança não nasce apenas da presença da doença, mas também de uma desestruturação dos elementos que construíram o meio cotidiano",[35] as forças ambientais exógenas são capazes de alterar completamente os padrões mais basilares de uma sociedade. Isolamento social, abandono de valores, silêncio nas cidades, anonimato da morte, abolição de ritos cotidianos, enfim, assim como tem acontecido na pandemia da Covid-19, a Peste de Cipriano foi marcada por transformações culturais, políticas, sociais e religiosas determinantes para novos fluxos e influxos sociais. Apesar de as mortes terem sufocado as comunidades cristãs com resultados devastadores no que concerne às perdas humanas, a resposta da *ekklesia* diante da epidemia foi decisiva para o crescimento do cristianismo no Império Romano.

A epidemia minou as redes de sociabilidade das religiões e culturas cívicas, principalmente no que concerne aos cultos públicos, bem como minguou os investimentos imperiais nessas cerimônias.[36] Logo, com a estabilidade da cultura religiosa cívica ameaçada, abriu-se um flanco para

[33] Maureen Tilley, em um artigo intitulado *The Ascetic Body and the (Un)Making of the World of the Martyr* (1991), defende como tese central que o ato de suportar a dor e o sofrimento funcionava como um treinamento do corpo para a prática ascética. Ao final do século II, quando a perseguição aos cristãos se tornou mais intensa, o martírio forneceu a base teórica e prática para o martírio dito "heróico", isto é, o ascetismo. No entanto, a inter-relação entre o ascetismo (martírio branco) e o martírio (martírio vermelho) também evidenciou que o ascetismo não se tornou um substituto simples para o martírio após a legalização do cristianismo sob o reinado de Constantino. TILLEY, Maureen. The Ascetic Body and the (Un)Making of the World of the Martyr. *Journal of the American Academy of Religion*. Oxford University Press, v. 59, n. 3, 1991, p. 467-479.
[34] CIPRIANO DE CARTAGO, *De Mortalitate*, 20.
[35] DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*: 1300-1800. São Paulo: Cia. das Letras, 2009, p. 174.
[36] BAGNALL, Roger S. *Religious Conversion and Onomastic Change*. BASP 19, 1982, p. 123.

a construção de novas redes de patrocínio e cultos, potencializando a propagação do cristianismo e amplificando sua capilaridade no Império.

O cristianismo se apresentou como uma religião atraente para os pagãos. O discurso de Cipriano demonstra que a religião sabia lidar com a epidemia, tanto oferecendo respostas confortantes para dissipar os sentimentos de ansiedade, quanto também ajudando na vida cotidiana daqueles que sofriam das agruras da peste.

Para explicar as catástrofes, as pessoas acabaram se voltando para a religião e os poderes sobrenaturais que decorrem da relação com o divino. No caso, a fé cristã, que, conforme relatos de Dionísio de Alexandria e Cipriano de Cartago, foi colocada como uma nova visão sobre a morte e lidou de maneira inovadora com a peste, fazendo valer a pena o próprio sofrimento, e favorecendo, com isso, a expansão do próprio culto.

Desse modo, a peste de Cipriano deu à *ekklesia* cristã uma oportunidade de oferecer um discurso diferenciado. Para além do zelo moralizador comum entre os escritores do século III, as falas de Cipriano revelam um cristianismo pautado no ânimo e no triunfalismo vindouro. Ademais, ao disponibilizar uma rede de assistência aos doentes, na condição de filantropos, os cristãos atraíram muitos pagãos ao culto, ação essa que cooperou para que o cristianismo se fortalecesse enquanto religião do Império Romano algumas décadas depois.